

*...aquilo que nós conseguirmos
fazer dele –*

Apontamentos sobre a possibilidade de transformar o mundo na poesia de Manuel Gusmão¹

Inês Seabra Carvalho*

Universidade do Porto / ILC

Resumo: Como é possível preservar “a alegria, contra todas as evidências em contrário”? Tomando como ponto de partida a obra do poeta Manuel Gusmão, a hipótese que aqui se explora é a de que nesta obra a afirmação radical da alegria, da esperança e da promessa resulta de um modo de compreender o mundo como processo em devir; um processo ininterrupto de tensão entre diferentes possibilidades ou possíveis.

Palavras-chave: Manuel Gusmão, alegria, contradição, história

Abstract: How is it possible to preserve something like “joy against all evidences to the contrary”? The hypothesis explored here is that, in Manuel Gusmão’s poetics, the defense of joy and hope is based on a certain way of understanding the world as a becoming process, an uninterrupted process of tension between different possibilities or possibles.

Keywords: Manuel Gusmão, joy, contradiction, history

Não é sabendo como acabou que podemos começar a contar a história, mas quando nos faz falta

o futuro; quando temos debaixo da língua a falta do futuro.

Manuel Gusmão

Pensar a salvação do mundo a partir da obra do poeta Manuel Gusmão obriga a um exame prévio das palavras “salvação” e “mundo”. Para aquilo que me vai ocupar, na sua acepção teológica, a palavra “salvação” parece ser desadequada e pode mesmo revelar-se problemática quando, entre as figuras que povoam a obra de Manuel Gusmão, encontramos dois anjos – o anjo da História (de Walter Benjamin) e o anjo camponês (de Carlos de Oliveira) – que são, no entanto, figuras do testemunho, cujas pretensões se fazem valer no, e sobre o, viver terrenal. Por outro lado, e num outro campo, este conceito arrisca-se a desfi-gurar o pensamento teórico e crítico de Manuel Gusmão, que insiste em contrariar leituras salvíficas ou proféticas do projecto de transformação que perfilha enquanto marxista e militante comunista.

Por fim, é precisamente esta ideia de transformação que obriga a palavra “salvação” a desprender-se de mais uma das suas acepções – aquela que remete para a necessidade de conservar ou preservar uma determinada condição (do) presente. Aquilo de que aqui se trata é antecipar o futuro no mundo, isto é, no *mundo de mundos a que chamamos real*; “é a paixão pela história² que colectivamente fazemos, a ideia de que o mundo é em parte aquilo que conseguirmos fazer dele” (Gusmão 2003: 305).

Será possível, então, e ainda assim, perscrutar a obra de Manuel Gusmão à luz da “salvação do mundo”? Sim, se pudermos, com Walter Benjamin (e a partir da leitura que dele faz Gusmão), pensar a salvação “como um clarão num momento de perigo” (Benjamin 2010: 11) e o mundo como “a nossa tarefa”.

I. Contra todas as evidências em contrário, a alegria

Tomo como ponto de partida para estes apontamentos o último verso do poema “A velocidade da luz”, do livro *Teatros do Tempo*: “Contra todas as evidências em contrário, a alegria” (Gusmão 2014a: 113). A pergunta que me interpela e fascina, como leitora do poema mas também como habitante do mundo, é esta: como é possível, sem ter perdido a lucidez, preservar a alegria, contra todas as evidências em contrário? Digo “sem perder a lucidez” porque, na intencionalidade da sua construção – desde logo sintáctica –, há um acinte que não se deixa ler como manifestação de loucura ou de perda da consciência e por isso nos desafia a não ficar pela aporia, a não desistir de tomar decisões.

No poema de onde surge, este júbilo reage à “rotação” de um corpo que roda “a partir da cintura”, “um músculo que se ilumina, uma onda / vertical”, um pé “oblíquo” (*idem*: 110) sob o qual o mundo se suspende por um instante. Circunscrita a este contexto, a alegria pode ler-se como próxima da *lætitia*, no sentido que Roland Barthes lhe dá em *Fragmentos de um Discurso Amoroso*: como se o poeta “pudesse ter, da relação de amor, uma visão antológica”, a compreensão de que “uma grande inquietação não exclui momentos de puro prazer” (2015: 74). Contudo, o modo como a alegria se afirma em diferentes momentos e opções desta poética permite multiplicar as possibilidades de leitura do último verso de “Velocidade da luz”.

No prefácio à edição francesa de *Teatros do Tempo*, João Barrento observa:

il y a une place, dans la poésie de Manuel Gusmão, pour les temps de la terre et de la maison, entre équinoxes et solstices, entre l’amour, les livres, la maladie; et également pour les temps de l’Histoire et du grand monde. Et, contre toute attente devant l’état de ce monde, quand le poème fait coïncider ces “temps constellés”, ainsi que le poète les évoque, en lui naît la joie de la vision, cette difficile construction de la joie qui est toujours le revers ou le pli d’une douleur. (2012: 9)

Interessa-me particularmente esta ideia de “construção” porque me permite pensar a alegria como um fazer, algo que se produz intencionalmente como reverso de (em oposição a) uma dor. Neste sentido, a alegria irrompe nos diversos “tempos constelados” que coincidem neste universo poético, tanto no plano biográfico individual quanto no plano da história que colectivamente se faz. Perante uma doença que se anuncia cedo e que progredirá, a alegria é uma manifestação insurgente do que é vivo, vital. Por outro lado, a alegria pode ser um modo de resistência ao medo por via do qual, nos nossos dias, teríamos desistido “de tentar imaginar ou desejar um rosto para o futuro” (Gusmão 2011a: 370). Aquilo que vários autores têm descrito como “presentismo” ou “la tyrannie de l’instant et du piétinement d’un présent perpétuel” (Hartog 2015: 13), para Manuel Gusmão, transforma-se numa “patologia do desejo, uma tão brutal antecipação simbólica da morte que inibiria todo o imaginário” (Gusmão 2011a: 370). A contrapelo, defender a alegria é afirmar uma emoção cuja natureza desejante facilmente reconhecemos e que os estudos vindos das neurociências largamente confirmam.

Em “o chão da história move-se”, os diferentes planos (e sentidos) da história misturam-se e, embora as fronteiras sejam por vezes difíceis de demarcar, fica bem visível a relação entre palavras como história, alegria e futuro. Ao mesmo tempo, a noção de aprendizagem devolve-nos a ideia da alegria como construção:

o chão da história move-se; repentinamente abre fendas, e então melhor se ouve o motor que trava-lha, – é uma espécie de mar.

[...]

até pode ser que a doença cresça e magoe.

por um momento tu inclinas-te e lavas, nessas águas que ardem, “o focinho lavado em sangue”.

Mas aprendes ou não aprendes que em algum momento no futuro, no futuro?, te agitas na alegria? (Gusmão 2013a: 60)

Na obra de Gusmão, outros nomes para o desejo de futuro são as palavras “esperança” e “promessa”, muitas vezes enunciadas em conjunto com a alegria, como neste verso do poema “– Do corpo, as sílabas do fogo”: “a promessa a esperança a alegria justa” (2014a: 38). Algumas afirmações dispersas de Manuel Gusmão permitem-nos evitar precipitações: a alegria não é “uma alegria contentinha, é uma alegria que exige um estado de extrema tensão” (2001: s/p); a esperança é um trabalho “que magoa” (2011a: 371); a promessa é *uma promessa sem garantias*. Sim, mas como se sustentam? O que as autoriza e fundamenta?

A hipótese que aqui me interessa explorar é a de que para este poeta a afirmação radical da alegria, da esperança e da promessa resulta de um modo de compreender todas e cada uma das coisas que integram o mundo como um processo em devir; um processo ininterrupto de tensão entre diferentes possibilidades ou possíveis.

2. A contradição voa

Voltemos então ao verso “Contra todas evidências em contrário, a alegria”, agora para perguntar o que são “evidências”. Segundo os dicionários, aquilo que tem a qualidade de evidente; “que se compreende sem esforço”; “claro”; “manifesto”; do latim *evidente*: “visível, aparente”.

A palavra “evidência” tem uma circulação que se vem expandindo do campo das ciências e da investigação forense ao preenchimento dos mais diversos tipos de formulários. É em parte esta coincidência com um determinado jargão burocrático que me faz voltar a ler o verso, mantendo em aberto a possibilidade de nele se insinuar, também, alguma ironia. Por outro lado, na sua qualidade de certeza manifesta, estas evidências podem pôr-se em confronto com o aparecimento de uma camélia, nos três versos finais do poema “Mudas a noite de lugar”:

Agora no sol do pátio a camélia abriu.

levou um ano a desabrochar. Não parece real. Esse é

um dos espantos com o real. é que não se parece. (Gusmão 2013a: 235)

Se o real não se parece, isto é, se o modo como aparece não revela, nem coincide com, aquilo que é, então talvez tenhamos que mitigar a assertividade das *evidências*, em particular, naquilo em que elas nos permitiriam aceder a uma compreensão sem

esforço. Não quero sugerir que o poema pode estar no lugar da ciência mas, naquilo em que pode contribuir para desautomatizar o nosso aparelho perceptivo, a poesia talvez nos ajude a exercitar o espanto e a conhecer para lá da aparência. E, também, para lá da lógica formal e abstracta, que afirma como “óbvio não poderem os contrários valer ao mesmo tempo com vista à mesma coisa” (Aristóteles 2021: 171). Na poesia de Manuel Gusmão, o que en-contramos é uma outra ontologia e um outro modo de pensar (e de imaginar) o real. Alguns exemplos: “o tu, mudando-se, insubstituível, permanece outro” (Gusmão 2013b: 54); “Sou e não sou aquela mulher entre duas páginas” (2014a: 74); “é e não é o que eu sei de mim:” (2014a: 181); “uma árvore é e não é um anjo” (2013b: 27); “Como sempre: era / e não era” (2014b: 41). Estes exemplos estão longe de ser uma enumeração exaustiva e estão retirados do contexto dos poemas em que aparecem porque me interessa apenas reparar no modo como se repete a formulação de uma contradição dialéctica, na qual dois enunciados contraditórios são verdadeiros ao mesmo tempo. Desafiando o pensamento, a cena que aqui se instala é a de uma unidade essencialmente contraditória que trabalha no interior das coisas vivas e não-vivas do mundo. Como uma rosa, como uma mesa.

No livro *Dois Sóis, a Rosa*, o motivo do efémero e da paixão amorosa, tantas vezes glosado, como tal, pela poesia, reaparece; mas agora como figura *descontínua*, que reaprende o seu nascimento, figura na qual *trabalha o mundo*, o sol e a noite, *trabalham martelos de mercúrio*; e assim *se vai a rosa transformando* até que se dá uma explosão mínima:

explosão mí
nima
numa sala lateral;
e surpreendemos que
a contradição voa
e se move a
arquitectura do mundo
(2013a: 110)

Aquilo de que aqui se trata não é apenas admitir a contradição. É ver nela o princípio do movimento, o modo e a condição pela qual se move “a arquitectura do mundo”. Como nesta mesa, que encontramos ainda no mesmo livro:

é a maneira profundamente simples com que a mesa resolve instavelmente a contradição que voa no centro de si, entre a função fixa e o movimento infinito (das coisas); é esse admirável modo de promo-ver a visão da unidade material do mundo que nos leva a este distraído e fundo apreço pelas suas ca-pacidades. (2013a: 64)

Na “unidade material do mundo”, só instavelmente (transitoriamente) se resolve a contradição: apenas o movimento é infinito. É sobre este modo de compreender as coisas que Maria Filomena Molder, num ensaio dedicado a um outro poema de Gusmão, afirma:

Gosto da ideia do “terceiro incluído” [...], que contraria a evidência do “terceiro excluído”, ideia que podemos surpreender numa certa família de pensadores, para os quais a oposição entre os opostos não é resolúvel nem por supressão de um dos termos nem por superação da oposição, quer dizer, uma coisa é isto e aquilo, isto e aquilo que nega isto. Sendo assim, a oposição é vista como categorial, e ao mesmo tempo, como histórica, o par de opostos conhece momentos, e em cada um novos aspectos, que nos permitem ver melhor a fertilidade sem a dissipar. (2008: 275)

O poema não está em lugar do mundo mas, na medida em que é simulação de diferentes mundos, ele pode participar e dar a ver o modo como a oposição conhece momentos, transformando-se, e transformando a contradição em uma outra. Vejamos o que acontece ao próprio poema, na letra “o;”, em “Quatro andamentos para um alfabeto”:

Destruir a unidade
do corpo; dando
origem
a duas formas
ou mais; escolher
aquela que
desafia as outras
para dançar; preenchê-la
com um coágulo
de tinta;

e então
o sangue corre
a ferida cicatriza
a cicatriz vibra
o espelho estilhaça-se

e a diferença
entre nomes
[*que guardam*] e
coisas [*resistentes*]

recompõe
a unidade do corpo
do poema
(Gusmão 2014c: 36, itálicos no original)

Depois da pulverização e dos estilhaços, a unidade reconstitui-se. Mas é preciso reparar que é de novo a diferença, já outra, que recompõe a unidade do poema.

Aqui chegados, se a contradição é categorial e objectiva, isto é, se ela existe sem depender de uma vontade, está lá, no modo de ser de todas as coisas, a questão que se pode colocar é a de saber se não estamos condenados a um relativismo tal que tudo se equivale, não havendo nada que nos caiba fazer. Perante as contradições, o que está em causa para Manuel Gusmão é a abertura de um leque de possibilidades. No entanto, é preciso trabalhá-las:

faltavam os pássaros. [...] não tinham sido previstos, mas a história das águas demandando-se, sinuosa no acaso das suas leis, fez com que fossem convocados. Foi preciso esperá-los, trabalhar a sua possibilidade. E agora estão lá. (Gusmão 2013a: 69)

3. O chão da história move-se

Esta imagem fascinante de uma *dialéctica da natureza* permite-me passar para o “chão da história” (Gusmão 2013a:60) e recordar que, para Marx, nos – muito citados, por Manuel Gusmão – *Manuscritos Económico-Filosóficos de 1844*, a história social é a história natural dos homens. O que me interessa aqui é a ideia de que “foi preciso esperá-los”, mas não suficiente: foi preciso “trabalhar a sua possibilidade”. Nada é certo, garantido, dado. A história demora-se e mesmo as suas leis caminham sinuosas pelo acaso. A lei é de algum modo conformadora mas é apenas uma tendência, não excluiu aquilo que é contingente.

Em “Sobre o conceito da História”, criticando o método historicista, Walter Benjamin fala-nos de uma “indolência do coração, a acédia, incapaz de se apoderar da autêntica imagem histórica que subtilmente se ilumina” (2010: 12). Segundo o autor, esta espécie de tristeza “torna-se mais clara se procurarmos saber qual é, afinal, o objecto de empatia do historiador de orientação historicista. A resposta é, inegavelmente, só uma: o vencedor” (*ibidem*). Como quem se apropria deste conjunto de ensinamentos, Gusmão insiste que a reconstituição do passado implica a assumpção de que o “que aconteceu podia não ter acontecido” (2011a: 371), ou podia ter acontecido de outra maneira, porquanto:

apagar a luta dos possíveis significa fixar, imobilizar o que aconteceu; a história desaparece na repetição do mesmo. Tal paralisia desencadeando a repetição, tornando fatal

todo o acontecido, torna a história uma narrativa profética, uma profecia dos vencedores (*ibidem*)

Talvez agora consigamos perceber melhor algumas dimensões da alegria, daquilo que a autoriza e fundamenta, e o modo como, neste contexto, ela se distancia de uma certa “melancolia de esquerda” (Traverso 2019). Como “campo e condição da pluralidade conflitual dos sentidos”, a história está sempre por fazer:

a história não tem um sentido. Não é sequer necessário pressupô-lo. Ela é antes o campo do confronto entre diferentes possíveis, ou diferentes ‘possibilidades reais’ [...] E não há O sentido, porque nunca estamos fora da história (somos finitos). (Gusmão 2011b: 124)

E, contudo, não podemos desistir de o procurar.

4. O compromisso militante com o sentido

Termino, cruzando diálogos.

Num artigo intitulado “Óscar Lopes e a cidadania ou o compromisso militante com o sentido”, Gusmão cita um testemunho de Óscar Lopes sobre a sua infância, e a dor que lhe era provocada pela observação da miséria, dos ranchos de pedintes, dos pratos de esmolos. Perante essa memória, Gusmão pergunta-se e pergunta-nos: “Hoje, entenda-se, no mundo de hoje, isto não foi já erradicado?” (2014c: 17).

Por um momento, interrompo esta leitura e abro o jornal: *Público* – 2 de Dezembro de 2022. Um cronista fala-nos das condições de trabalho no olival intensivo em Beja, nas estufas do litoral alentejano e em campos de *pommodoro* no sul de Itália. E escreve:

Estes casos que emergem esporadicamente no espaço público como casos de polícia [...] deveriam ser suficientes para uma tomada de consciência do factor “escravo” em muitas modalidades actuais do trabalho, mesmo aquele que é realizado diante de nós por gente que aparenta a condição de seres livres. Mas não são suficientes: porque a escravatura moderna oficialmente não existe. (Guerreiro 2022: 30)

Volto a Manuel Gusmão e a Óscar Lopes, à pergunta que deixei atrás:

Hoje, entenda-se, no mundo de hoje, isto não foi já erradicado? Não. Apenas foi esquecido ou deslocalizado. Mas alguns de nós trazemos isso como um espinho encravado na memória ou na vontade. A ameaça de retirar sentido ao que vivemos está sempre à espera, para lançar um bote traiçoeiro.

Óscar é um homem que pode declarar “*ao certo, ao certo, não sei o que o(s) sentido(s)*”

seja(m) mas procuro fazer sentido com as minhas circunstâncias e os meus interlocutores, cooperantes ou não” e, entretanto, é a mesma pessoa que nos diz:

“Aproveito para declarar que não perfilho nem a estética, nem a filosofia, nem a política da ambiguidade. Por muito confusa e indecisa que seja a nossa experiência humana [...] palavras como aqui e agora ligam-se à evidência de enquadramentos, dentro dos quais se nos impõe fazer qualquer coisa, entre um passado que ainda está presente, sob a forma de resultados e representações, e um futuro evidenciado por um conjunto presente de expectativas a ponderar, e de alternativas a escolher.”

Em suma, a busca do sentido é uma tarefa que nos cabe enquanto humanos. Tarefa propriamente in-terminável, em que nada está de antemão garantido, e em que aquilo que de nós se exige é uma co-movida e comovente fidelidade ao vivo. (Gusmão 2014c: 17)

Recordo “a ideia de que o mundo é, em parte, aquilo que conseguirmos fazer dele” (Gusmão 2003: 305). Esse é outro dos espantos com o real. É que pode ser transformado.

Notas

* Inês Seabra Carvalho é doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), estando a desenvolver uma tese sobre a obra de Manuel Gusmão, com o apoio de uma bolsa de doutoramento financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É investigadora no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Foi co-organizadora do “Colóquio Internacional Contra todas as Evidências”, dedicado a Manuel Gusmão (FLUP, 2022). Os seus interesses de investigação compreendem as práticas intertextuais e intermediais na poesia contemporânea portuguesa e as relações entre poesia e política.

¹ Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e para a Tecnologia (UIDB/00500/2020).

² Tanto na obra poética quanto ensaística de Manuel Gusmão, entre as muitas ocorrências da palavra “história”, a regra é a inicial minúscula. Na origem desta opção pode estar a intenção de manter em aberto os diferentes sentidos que a palavra acolhe, entre eles “a história que se faz: a *história* que se escreve – a historiografia; e a história, narrativa oral ou escrita, que se conta” (Gusmão 2011b: 113, negrito e itálico no original). É disto um exemplo “a história que se conta” nos versos da epígrafe deste trabalho. Por outro lado, citando de Certeau, Gusmão mostra-nos outro sentido para o uso da minúscula: “Na linguagem corrente, o termo [“história”] conota ora a ciência ora o seu objecto” (*apud* Gusmão *ibidem*,

parênteses rectos no original). Tendo presente esta distinção, talvez a inicial minúscula queira indicar que aquilo a que Gusmão se refere, maioritariamente, com a palavra história, não é o campo de estudos, mas o seu objecto: o acontecer e o fazer humano no tempo, como ilustra a citação que dá origem a esta nota.

Bibliografia

- Aristóteles (2021), *Metafísica*, trad. Carlos Humberto Gomes, Lisboa, Edições 70.
- Barrento, João (2012), “La main qui écrit en pensée”, prefácio a Manuel Gusmão, *Théâtres du temps*, trad. Cristina Isabel de Melo, Pont-Aven, Éditions Vagamundo: 5-10.
- Barthes, Roland (2015), *Fragmentos de um Discurso Amoroso*, Lisboa, Edições 70.
- Benjamin, Walter (2010), *O Anjo da História*, trad. João Barrento, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Guerreiro, António (2022), “A escravatura não existe”, *Público* (Ípsilon), 2 de Dezembro: 30.
- Gusmão, Manuel (2001), “Escrevo para um amigo que virá”, entrevista concedida a Alexandra Lucas Coelho, *Público* (Mil Folhas), 4 de Agosto: <www.publico.pt/noticias/jornal/manuel-gusmao-escrevo-para-um-amigo-que-vira-160492> (último acesso em 7/1/2023).
- (2003), entrevista concedida a Rogério Barbosa da Silva e Silvana Maria Pessoa de Oliveira, *Scripta*, Belo Horizonte, vol. 6, nº 12, 1º semestre: 294-306.
- (2011a), “Uma poética e uma estética mínimas. Fragmentos para um pequeno tratado teológico-político”, in *Uma Razão Dialógica. Ensaios sobre a literatura, a sua experiência do humano e a sua teoria*, Lisboa, Editorial Avante!: 370-397.
- (2011b), “Da literatura enquanto configuração histórica do humano”, *ibidem*: 112-170.
- (2013a), *Contra todas as Evidências I*, Lisboa, Edições Avante!
- (2013b), *Pequeno Tratado das Figuras*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- (2014a), *Contra todas as Evidências II*, Lisboa, Edições Avante!
- (2014b), *Contra todas as Evidências III*, Lisboa, Edições Avante!
- (2014c), “Óscar Lopes e a cidadania ou o compromisso militante com o sentido”, *Caderno Vermelho – Revista do Sector Intelectual de Lisboa do PCP*, Lisboa, Partido Comunista Português, Setembro: 14-17.
- Hartog, François (2015), *Régimes d’historicité. Présentisme et expériences du temps*, Paris, Éditions du Seuil.

- Molder, Maria Filomena (2008), “O terceiro incluído. Breve meditação sobre o dizível e o indizível”, in Helena Buescu & Kelly Basílio (org.), *Poesia e Arte. A Arte da Poesia – Home-nagem a Manuel Gusmão*, Lisboa, Editorial Caminho: 273-282.
- Traverso, Enzo (2019), *Melancolía de izquierda. Después de las utopías*, trad. Horacio Pons, Barcelona, Galaxia Gutenberg.